

## O CÍRCULO DO GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO – GEGe

Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso

### Resumo

Neste texto, vamos apresentar o Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – o GEGe – grupo liderado pelos Professores Valdemir Miotello e João Wanderley Geraldi. A partir de 2003, o GEGe tem o foco em estudar Bakhtin. Para tanto, nós lemos as obras do Círculo Bakhtiniano; desenvolvemos pesquisas com Bakhtin; aprendemos, sobretudo, a vida. Temos um grupo que circula, que vai girando, trocando de participantes, ganhando conversadores que, muitas das vezes, têm no GEGe um de seus portos de passagem, em que as ancoragens são o tempo de cada um desses conversadores desenvolver suas pesquisas, principalmente as de mestrados e doutorados. Temos escrito muito desde o início do Grupo e sempre procuramos manter contato com outros grupos para trocar vivências.

**Palavras-chave:** Bakhtin, GEGe, linguagem

### Abstract

Here, we are presenting the Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEGe – group led by Professors Valdemir Miotello and João Wanderley Geraldi. Since 2003, GEGe has focused on studying Bakhtin. Therefore, we read the works of Bakhtin's Circle; we develop researches with Bakhtin; we learn, mainly, the life. We have a group that circulates, that goes round, exchanging its participants, receiving talkers who, most of times, have GEGe as one of their ports of passage, in which their anchors last the time of each of these talkers need to develop their researches, especially the ones of Master's degree and Doctorates. We have written a lot since the beginning of the Group e we use to keep in touch with other groups to exchange experiences.

**Key-words:** Bakhtin, GEGe, language

### Sobre um círculo de sujeitos que estudam juntos

“Não me lembro exatamente... Começou em 1912-13. Isso, sim... Foi criado um círculo, uma espécie de círculo. Tratava-se de um grupo de jovens que, na maioria dos casos, haviam recém terminado, ou estavam terminando, os estudos ou estudavam nos cursos superiores da Universidade. Isso.”

“Em essência, o círculo não tinha uma organização rígida. Não era necessário inscrição. Era um círculo de amigos, digamos, um círculo de estudantes putchkinianos: pessoas que eram ligadas a interesses comuns [...]”

“Em que consistia a peculiaridade do círculo? Eram estudiosos gozadores, gozadores da ciência... ou se quisermos palhaços da ciência.”

“Ao meu redor tinha um círculo que era chamado de ‘o círculo de Bakhtin’ ... Isso, ultimamente escrevem muito isso.”<sup>1</sup>

Os excertos dessa epígrafe nos servem para soprar um pouco do jeito dos círculos dos quais participou Bakhtin. Já este texto, que trata de nossas andanças e vivências no GEGe, nasceu de um encontro derivado desse “cheiro” dos círculos bakhtinianos, um evento realizado em Niterói em novembro de 2015, na Universidade Federal Fluminense – UFF. O evento (EEBA – Encontro de Estudos Bakhtinianos) foi organizado pelo Grupo ATOS, liderado pela Professora Marisol, que foi quem também nos fez o convite para que escrevêssemos sobre nossos grupos bakhtinianos. Convite aceito e, tendo já introduzido de modo panorâmico o nosso grupo em nosso breve resumo, seguimos agora apresentando alguns pontos que mostram um pouco mais sobre como o GEGe vem dialogando com Bakhtin para compreender a vida:

1. No GEGe, não há um projeto de um líder que nos sirva como guarda-chuva. Isso nos provoca ao desenvolvimento de trabalhos de pesquisa singulares; há, portanto, uma diversidade temática, não há nenhum tema proibido. A diversidade temática do Grupo nos permite abraçar e dialogar com áreas diversas, mas com o pé firme nas Ciências Humanas, tendo a linguagem, em seu sentido lato, como veia. Trabalhamos, portanto, com texto como objeto de estudos privilegiado, elegendo a linguagem como mediação de nossas compreensões.

---

1 Todos esses excertos são falas de Bakhtin, concedidas em entrevista a Viktor Duvakin, no ano de 1973. Neles, Bakhtin fala acerca dos círculos dos quais participou ao longo de sua vivência. Ver BAKHTIN, M. M. & DUVAKIN, V. Mikhail Bakhtin em Diálogo – Conversas de 1973 com Viktor Duvakin. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

2. Nessa caminhada, há um jeito de construir nossos trabalhos de pesquisa, que vêm se constituindo com algumas características relativamente estáveis e instáveis do Grupo. Estão fora de nosso jeito de fazer pesquisa a dissociação, a separação e a assepsia dos objetos. Olhamos para as coisas em relação, em jogo, em constante tensão. Desse modo, olhamos para a ideologia na relação com a realidade material, concreta, do signo; para o signo na relação com as formas da comunicação social; para a comunicação e suas formas no jogo com a base material; para o eu sempre na relação vital com o outro; para a ética na tensão com a estética, e assim por diante.

3. Como pesquisadores, não nos colocamos como analistas de objetos científicos, mas assumimos uma postura ativa na relação com nossos temas e com nossos textos. Com essa postura, não há pesquisadores observadores, mas pesquisadores que se constroem como sujeitos numa relação de compreensão ativa, dizendo, como seu ato responsável, a sua palavra e provocando respostas e contrapalavras por meio de suas pesquisas e outros trabalhos científicos.

4. O cotejamento dos textos para a construção e compreensão de nossos conjuntos de dados está cada vez mais presente em nossas pesquisas e em nossos escritos. Isso nos permite um aprofundamento maior nas regras metodológicas postas pelo próprio Círculo Bakhtiniano, quais sejam:

1) Não separar a ideologia da realidade material do signo (colocando-a no campo da “consciência” ou em qualquer outra esfera fugidia e indefinível); 2) Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que não tem existência fora deste sistema, a não ser como objeto físico); e 3) Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infra-estrutura) (BAKHTIN, 2009a, p.45).

Desse modo, nossos dados nos levam a buscar novos dados, cotejando-os. Trabalhamos não com um objeto de pesquisa, mas com outros sujeitos por meio de um conjunto de dados.

5. Na dinâmica de se construir compreensões a partir das relações, dos tensionamentos, das palavras e contrapalavras, nosso jeito de estudar vai se constituindo também como um acontecimento, posto que não há algo pré-determinado que se pretende comprovar, mas a própria vida da pesquisa vai se construindo pela eventicidade. Assim, entre nosso

temas, é possível encontrar a singularidade, os eventos únicos, o irrepitível como possibilidades de construção de compreensões no campo da ciência.

6. O jeito de construir nossas pesquisas nos provoca também a escrever sempre. Escrevemos bastante para colocar a palavra para circular. Não escrevemos para ensinar algo, mas para abriremos mais possibilidades de, por meio de nossa escrita, aprendermos juntos. Nessa empreitada, desde 2009, colocamos para circular nossas palavras através da coleção “Palavras e Contrapalavras”, que tem nos iniciantes interlocutores com os quais aprendemos mais sobre as questões apontadas pelo Círculo de Bakhtin. Além disso, anualmente publicamos um livro cujo tema se constitui a partir das leituras e conversas que circulam em nossos encontros semanais.

7. Para alargar nossos horizontes de possibilidades de compreensão, além dos escritos, também temos organizado, ao longo de nossa caminhada no Grupo, eventos que nos provocam a dizer nossa palavra e a nos colocar à escuta uns dos outros. Dentre os eventos que o Grupo vem organizando, estão colóquios bakhtinianos que nos levaram à criação de um evento maior, o Círculo – Rodas de Conversa Bakhtiniana, que teve início em 2008 na UFSCar. O Rodas é fruto de uma vontade do Grupo de participar de um evento cuja atividade principal é conversar. Por isso, a ideia de organizarmos rodas em que a hierarquia não predomine, para que todos os seus participantes – de áreas e níveis de formação diversos – exerçam seu ato de fala, sejam conversadores. A partir daí, foi-se formando um grupo de sujeitos que vêm de diferentes partes do Brasil e até de outros países para dizerem a sua palavra e para se colocarem à escuta das outras vozes que, nas rodas, dialogam com Bakhtin. A ideia de colocar a palavra para circular foi se fortalecendo ao longo dos anos em que o Rodas aconteceu e, a partir de 2011, além do Rodas, o EEBA entrou no jogo para circular entre diferentes universidades. Atualmente, esses dois eventos vão se revezando em diferentes universidades do país, alargando as diferentes possibilidades de diálogo para aqueles que querem dizer sua palavra com Bakhtin.

8. Nessas nossas palavras e contrapalavras – as pesquisas de mestrado e de doutorado, os artigos, os livros, os eventos, os encontros do grupo a cada semana – há rigor, mas não rigidez. O diálogo é a essência nas inter-ações que se travam em todas essas oportunidades. Desse mesmo modo, as reuniões semanais do Grupo acontecem sem rigidez, mas com rigor de leitura, de estudos, de fala firme, em meio a muita amorosidade, em meio a muito riso. O Grupo não possui uma sala ou um laboratório de estudos; os encontros se dão sob uma árvore – no início era um abacateiro, o abakhtin – e hoje

acontecem à sombra de uma outra árvore em frente ao Departamento de Letras da UFSCar.

9. Essa é a dinâmica dentro da qual vimos trabalhando nesses anos de caminhada. A relação que construímos não é uma relação de indiferença, mas uma relação que exige a diferença para se constituir. Somos conversadores e escutadores; buscamos auscultar os sentidos por meio da linguagem, tendo-a sempre como mediação entre nós e o mundo. Somos um grupo inacabado, incompleto, cuja festa de renovação se dá a cada encontro. Nesses encontros, que são, fundamentalmente, encontros de palavras, estabelecemos também relações de amizade, de amorosidade, de “gozação científica”, discutimos cotidiano, linguagem, literatura, filosofia, ciência, religião, agronegócio, carnaval, justiça, música, gêneros do discurso, moda, futebol, medicina, cinema, ... No nosso círculo também não há rigidez de inscrições para as falas. Trazendo para cá as palavras de Augusto Ponzio, nossas relações procuram ser pautadas não pela liberdade *de* palavra – fundada nas questões de propriedade, pertencimento – mas pela liberdade *da* palavra, “de sua livre circulação, [...] liberdade da palavra, palavra que circula: nesse sentido ‘círculo bakhtiniano’” (2013, p.13). À medida que colocamos nossas palavras em circulação, em movimento, abrimo-nos ao outro, para alterarmos e sermos alterados por ele. Ainda segundo Ponzio, “aqueles que se sentem, ainda hoje, fazendo parte desse círculo, relacionam-se, circulam, abrem-se ao outro, à alteridade, como condição de construção de um mundo melhor” (id.). Com isso, com essas nossas palavras aqui colocadas para circular, abrimo-nos às diferentes possibilidades de alteração na relação com tantas palavras e contrapalavras que a partir daqui farão parte desse círculo.

## Referências

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem / Mikhail Bakhtin (V. N. Volochínov)**. 13.ed. tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. – São Paulo: Hucitec, 2009.

\_\_\_\_\_; DUVAKIN, V. **Mikhail Bakhtin em diálogo – Conversas de 1973 com Viktor Duvakin**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2008.

PONZIO, A. **No Círculo com Mikhail Bakhtin**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.